

José Carlos Schwarz: a sua escrita literária após a independência da Guiné-Bissau

Bernardo Alexandre Intipe *

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-5613-9667>

RESUMO

Este artigo tem por objetivo descrever e interpretar os significados dos escritos de José Carlos Schwarz na fase pós-independência e, também, entender o papel que a língua guineense desempenhou na criação dessas escritas. De modo igual, propõe-se compreender as suas contribuições no seio social guineense, tal como elas ajudam a ampliar a cosmovisão do povo à nível político-social e, sobretudo, em possibilitá-lo a se engajar em (re)criar e alavancar a esperança de um futuro jovial, harmônico e aglutinador. Este trabalho indicou que essas características são as marcas bem pontuadas em suas poesias e, principalmente, que elas reforçam, de modo geral, a ideia filantrópica à nação guineense, pois em suas poesias, que, posteriormente, foram musicalizadas com vista a permitir a classe não escolarizada a ter acesso ao entendimento dos conteúdos que elas difundem, assuntos esses que retratam as ocorrências locais, sobretudo na (re)construção da identidade guineense. Portanto, o desenvolvimento desse trabalho ocorreu a partir das leituras de outros textos, e não só, mas, também, partindo-se de premissa endógena que sustentou na interpretação de suas escritas. Conclui-se, ainda, que as escritas de Schwarz cooperaram significativamente em (trans)formação identitária guineense e em progressão do imaginário literário guineense, singularmente, em subsidiar a disseminação da cultura do país.

PALAVRAS-CHAVE

Guiné-Bissau; José Carlos Schwarz; Suas Escritas; Língua guineense

José Carlos Schwarz: his literary writing after independence in Guinea-Bissau

ABSTRACT

This article aims to describe and interpret the meanings of José Carlos Schwarz's writing in the post-independence period. The research sought to understand the role that the Guinean language developed in the creation of these writings. Equally, we also aim to comprehend their advances in the Guinean social cycle, as they help to amplify the cosmovision of people to a social-political level, and, especially, to make it possible to engage in (re)creating and increasing the hope for young people, harmonic and agglutinated. This paper indicated that those characteristics are insights pointed out in his poetry, and mainly they reinforce, in a general way, the philanthropist idea to the Guinean nation. That is because in his poetry, later musicalized in a way to allow the non-high-instructed folk to have access to understand the content that they diffuse. Those subjects portray local occurrences, from an endogenous premise that sustained the interpretation of his writings. In conclusion, Schwarz's writings cooperated significantly in the Guinean identity (trans)formation and in the Guinean literary-imaginary progression, singularly in sustaining the dissemination of this country's culture.

KEYWORDS

Guinee-Bissau; José Carlos Schwarz; Writings; Guinean language

* Graduado em Letras e Língua Portuguesa na Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Mestre em Linguagem, cultura e Sociedade pela Universidade Federal de Lavras, Doutorando em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina. É crítico literário e pesquisador.

José Carlos Schwarz: si skrita literária dipus di independensia di Guiné-Bissau

RESUMU

E artigu tene suma objetivu mostra i sklarisi signifkadus di skritas di José Carlos Schwarz dipus di independensia, i també ntindi papel ku lingu guineense dizimpenha na si skritas. Di mesmu manera, es tarbadju buska ntindi kontribuisons dês skritas na tchon guineense, suma també ntindi kuma ku e djuda na aumenta manera di odja di povu a nível polítiku-social i també kuma ki djuda es povu na ingaja na kria, i na promoví speransa di un futuru alegre, di ermondadi i di union. E tarbadju mostra kuma ku es karakteristikas e sta mostradu na poesias di Schwarz, prinsipalmenti, e ta reforsa ideia humanitária a nason guineense, pabia na si poesias, ku dipus e bin sedu musikalizadu ku objetivu di pirmiti pa djintis ku ka studa pa e tene ntindimentu di konteudus ku poesias divulga, e assuntos e ta fala di akontisimentus di país, ou seja, di (re)konstruson di identidade guineense. Pabia dês, disinvovimentu dês tarbadju i akontisi a partir di leituras di textos, não so, mas també nô parti di kunhisimentu/spriênsia lokal ku djuda na interpretason di skritas di autor. Pa kabanta,skritas di José Carlos djuda na (trans)formason identitária guineense i na disinvovimentu di imagináriu literáriu guineense, partikularmenti na kontibuison di spalha kultura di país.

PALABRAS-TCHABI

José Carlos Schwarz; Suas Escritas; Língua guineense

1. Palavras iniciais

Dado ao contexto em que este artigo é produzido, acreditamos que é preciso, pelo menos, apresentar um pequeno panorama sociolinguístico, histórico e cultural da Guiné-Bissau, à qual esse trabalho se refere. Por isso, é importante salientar que esse país, territorialmente, é bem pequeno e com uma série de problemas políticos que contribuem, drasticamente, para o retrocesso econômico, o que acaba afetando a população e, conseqüentemente, tornando-a mais indigente. O país conta com 36.125 km², fazendo fronteira a norte do território com Senegal e a leste e sul com Guiné Conacri. Assim, no que tange aos grupos étnicos, a Guiné-Bissau tem entre 27 a 40 etnias (Benzinho; Rosa, 2015), as quais caracterizam linguisticamente o país. Entretanto, há duas outras línguas que não se enquadram na categoria de línguas étnicas: o guineense*, a língua mais falada e mais conhecida pelo povo, e o português, como a única língua oficial e exclusiva de ensino em Guiné-Bissau (Namone; Timbane, 2017).

Esta pesquisa reconheceu a necessidade não só de participar da difusão da literatura guineense, mas também de demonstrar, na pessoa de José Carlos Schwarz, como a literatura guineense tem contribuído (e ainda contribui) socialmente na

* Usamos a designação *Guineense*, ao invés do termo “crioulo”, nomenclatura essa que os europeus atribuíram à língua que nasce em contato, com vista a menosprezá-la e caracterizá-la como a língua deficiente, isto é, incompleta. O termo “guineense” ainda não se afirmou, porém, ainda se encontra em discussão. No entanto, para não se conformar com a ideologia colonialista imposta pelos europeus, resolvemos ir em contramão com o que o pensam da nossa língua e, portanto, concordamos em deixar o termo guineense ao invés do “crioulo”. Vale ressaltar que, o primeiro estudioso a usar o termo guineense foi o Cônego Marcelino Marques de Barros, em 1897, afirma Scantamburlo (2013) (Intipe, 2021).

(trans)formação da identidade nacional e na cultura local. Por vezes, quando se trata da literatura, na Guiné-Bissau, pensa-se que ela é muito recente (Intipe, 2022), pelo contrário, desde meados de 1882, Marcelino Marquês de Barros divulgou os poemas e canções em língua guineense; em 1900, publicou a “Literatura dos Negros”, na qual foram escritas, em guineense, as histórias e canções tradicionais de algumas etnias, em molde literário (Augel, 2000). De igual modo, a partir das décadas de cinquenta a sessenta, havia publicações literárias, como, por exemplo, “Amor e trabalho”, primeiro conto publicado em 1952 e escrito pelo autor guineense James Pinto Bull, no Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, (1952). Publicou-se, também, o primeiro livro de poemas guineense, “Poemas”, de Carlos Semedo, em Bolama, através da Imprensa Nacional, em 1963. Além desses, em 1994, foi publicado o primeiro romance, “Eterna Paixão”, de Abdulai Silá, pela Ku Si Mon Editora, em Bissau, bem como apontou Couto (2008). Não podemos esquecer, ainda, da primeira antologia publicada na Guiné-Bissau, “Poilão” (1973), que não possui nenhum poema em guineense. A segunda, “Mantinhas para quem luta” (1977), contém dois poemas (de 51) de José Carlos Schwarz, sendo eles, “*Calidade de amanhã, Maria*” e “*Quebur nobu*” (nova colheita). Todas essas produções visam demonstrar (in)diretamente as relações sociais vividas naquele momento, as quais, conseqüentemente, podem ser vivenciadas atualmente, principalmente para aprendermos com os ensinamentos que essas obras deixaram. Quanto às produções científicas relacionadas a áreas da literatura, singularmente a essa que a pesquisa está direcionada, há poucas referências bibliográficas e isso demonstra, parcialmente, a escassez no que concerne às publicações correlacionadas à essa temática.

Portanto, acredita-se que o uso da língua guineense na literatura nacional é muito importante não só no sentido de possibilitar ao povo sentir-se acolhido e representado, mas, também, ser uma forma de afirmação, isto é, uma identidade. Em vista disso, ao considerarmos que a língua transcende simples comunicação e pode ser considerada como um modo de estabelecer uma relação social, percebemos, então, que a sua utilidade na literatura guineense é necessária e essencial, principalmente na construção de um ambiente mais fraterno e harmonioso.

Por este meio, esse trabalho tem como objetivo geral, projetar e explicar as escritas[†] de Schwarz após a independência, bem como demonstrar quais as suas contribuições em emancipar a percepção literária e político-social do povo guineense e,

[†] Escrita, neste artigo, é entendida como a poesia e, vice-versa. Compreendemos a escrita como uma linguagem macro e, sobretudo, não pretendemos repetir uma mesma linguagem para não tornar a leitura entediante.

por outro lado, compreender o papel que a língua guineense desempenhou em suas escritas. Busca-se, também, depreender como essas escritas possibilitaram ampliar a visão do povo guineense face ao contexto em que estão inseridas. Para tanto, a progressão desse artigo ocorreu tanto por meio de leituras de trabalhos publicados como partindo da experiência que sustentam em enriquecer essa pesquisa. Ademais, escolhemos três poesias: *Bu djubin* (1973), *Fidjus di Guiné* (1974), *Apili* (1974), de Schwarz, que serviram de base para a discussão desta pesquisa. Cabe ressaltar, ainda, que, na Guiné-Bissau, não encontramos trabalho voltado à interpretação das escritas desse autor. Devido a isso, reconhecemos a importância de trazer à tona essa temática a fim de demonstrar o papel que ela desempenha na (re)construção identitária guineense.

Este trabalho está subdividido em sete partes, tendo como a primeira, as palavras iniciais que, concisamente, explicam o artigo. Na segunda parte, falamos acerca de língua guineense como expressão cultural e identitária na Guiné-Bissau. Na terceira, discutimos o guineense e a subalternidade para compreender o status da língua guineense (em relação à língua portuguesa) dentro do país e a sua representatividade ao povo no dia a dia. Na quarta seção, abordamos sobre o papel que a língua guineense desempenha nas escritas de Schwarz, uma vez que ela é a língua da unidade entre a diversidade cultural existente em Guiné-Bissau. A quinta parte diz respeito às questões relacionadas a distintas épocas de produção de José Carlos Schwarz e, de igual modo, busca apontar os sentimentos que esse autor tem em relação ao país, Guiné-Bissau. Por fim, discutimos as escritas de José Carlos Schwarz na (re)construção identitária guineense, compreendendo, isocronicamente, a sua contribuição no que tange à (trans)formação social do país.

2. Guineense como expressão cultural e identitária

O guineense é uma língua de base lexical portuguesa, que, como qualquer outra língua, possui seus léxicos próprios, o que lhe confere característica de ser uma língua completa. Segundo Embaló (2008), o guineense surgiu através do contato português com as línguas africanas (étnicas) e isso possibilitou a comunicação entre os próprios povos da Guiné-Bissau.

Com base nisso, consideramos a língua uma ferramenta usada pelo ser humano para estabelecer o elo com o meio em que ele está inserido, com vista a criar as possibilidades de manter uma convivência mais amena na (trans)formação da organização social e na integração do povo. Pois guineense, enquanto um instrumento

Bernardo Alexandre Intipe, José Carlos Schwarz: a sua escrita literária após a independência da que se enquadra nesse parâmetro, pode ser outorgado de língua de manifestação de expressão cultural e identitária do país.

O guineense, enquanto uma expressão cultural e identitária, até o presente, carece da normatização da escrita e a sua grafia ainda não é unificada. No entanto, a sua utilidade é bem trivial, como pontuamos nas colocações iniciais deste artigo. Há, também, muitas publicações em guineense, nas mais variadas áreas, compreendendo os trabalhos da tradição oral ou publicações de carácter religioso[‡]. Ainda assim, essas publicações são vistas nos folhetos informativos que visam sensibilizar o povo a se engajar em combater as diversas doenças, tais como: malária, AIDS, paludismo, cólera, etc. Similarmente, as escritas em guineense também são vistas nos folhetos de propaganda de cunho eleitoral, com o objetivo de fazer passar a informação e, principalmente, satisfazer o interesse político de quem as publica (Augel, 2000).

Ainda assim, o guineense adentrou em diversos contextos e é muito fundamental em todo o território nacional, pois é por meio dele que o imaginário da tradição oral é contado, como corroboram distintos trabalhos[§]. Conforme nos lembra Embaló (2008), a escrita do guineense é pouco disseminada, porém, essa língua já foi utilizada (e ainda é) em várias áreas, sobretudo no campo literário (poesias). De igual modo, o impacto dessa língua é visto até nas publicações literárias feitas em língua portuguesa, como, por exemplo, no emblemático romance “A última tragédia”, de Abdulai Sila. Nessa obra, as marcas guineenses aparecem para patentear o quão rica essa língua é, e para propositalmente assegurar aquela doçura de sua própria língua. Além disso, no campo da escrita, a repercussão do guineense é essencial em virtude de os escritores (poetas) utilizarem-se dela para estabelecer suas criatividade literárias e, assim, arquitetarem o êxtase cultural e identitário ao povo.

No contexto identitário, o guineense serviu e ainda serve de língua de unidade e de identidade nacional, visto que consegue conciliar a diversidade linguística existente no país. Conforme lembra Embaló (2008), o guineense teria ganhado o *status* da língua de unidade nacional após a independência do país e, com isso, apoderou-se de múltiplos espaços que até então eram limitados aos portugueses, como, por exemplo, a rádio nacional.

[‡] Há versões da bíblia dos evangélicos e dos católicos em língua guineense. Acredita-se que elas são traduzidas nessa língua para melhor facilitar a compreensão dos seus fiéis, dado que é a língua mais falada no território guineense.

[§] “*Lubu ku lebri ku mortu i utrus storya di Guiné-Bissau* (1988) de Augusto Pereira; *N’ sta li n’ sta la*, livro de adivinhas (1979a), *Junbai e Uori. Stórias de lama e philosophia* de Teresa Montenegro e Carlos de Morais” (Embaló, 2008, p.104).

Porém, atualmente, ou melhor, desde muito tempo, sabe-se que essa língua tem ocupado variados espaços, inclusive o escolar, onde o seu uso é proibido. Lá, ela é usada como ferramenta de expressão identitária e de conforto aos que se deparam com a dificuldade em falar o português. Quando se trata de guineense como a língua da identidade nacional, pressupõe-se, necessariamente, a sua dimensão representativa ao povo, já que essa língua, desde os primórdios da luta para a libertação do jugo colonial, serviu de arma aos combatentes de diferentes grupos étnicos, tornando-os, assim, mais unidos e quebrando toda a margem de diferença linguística que havia existido. A partir da sua afirmação como língua de unidade nacional, fez-se, dela, instrumento de manifestações culturais, as quais são vistas em múltiplas criatividades, dentre elas, nas músicas, nas poesias, nas artes etc. Na seção posterior, discutiremos sobre a língua guineense e a subalternidade da Guiné-Bissau.

3. O guineense e a subalternidade

Na Guiné-Bissau, sabe-se que o guineense é uma língua fundamental na convivência e na progressão cultural local. Mas ele, enquanto uma língua sem escrita unificada e, principalmente, que surgiu por meio do contato entre os colonizadores e os colonizados, continua a ocupar um espaço de subalternidade em relação à língua oficial, o português. Por isso, não se pode tratar do papel da língua guineense sem frisar seu *status* no próprio país onde ela é mais falada pela população e é a língua mais conhecida entre todo o povo existente no território nacional.

Desde os anos vinte do século XX, o guineense começou a ser tachado pelas autoridades coloniais, o que não só impossibilitou seus falantes de utilizá-la como também impediram o uso das línguas étnicas (Embaló, 2008). Portanto, a língua guineense, na época precedente à luta armada, tornou-se a língua de convergência aos antigos combatentes e, no entanto, os colonizadores a consideravam como a língua de insurreição, principalmente dos incivilizados. Para aqueles, a língua mais conveniente e mais completa, era, sem dúvidas, a língua portuguesa. Segundo Embaló (2008), na sua concepção dos colonizadores, a língua portuguesa era a língua dos civilizados, e, portanto, quem a falasse (no caso, o português) era tido como civilizado, enquanto quem optasse pelo guineense era julgado como não civilizado.

A língua guineense ainda é alvo desse dilema desde aquela época até os dias atuais, rastro que pode ser visto na Guiné-Bissau, pois muitos de seus falantes a consideram uma língua menos importante em relação ao português, que é a língua de

Bernardo Alexandre Intipe, José Carlos Schwarz: a sua escrita literária após a independência da Guiné-Bissau. O prestígio do colonizador. Acreditamos que isso é uma mera reprodução da narrativa colonial embutida na mente de grande parte da população guineense e que urge ser erradicada por meio do ensino e da conscientização social.

O guineense, sendo a língua de maior expressão em todo o país, em diversos setores de convivência, começando nos seios familiares (sobretudo na capital e nas cidades interioranas), nas feiras, nas rádios etc., é de extrema importância, sobretudo para estabelecer o laço da unidade nacional, embora seu uso seja impedido no contexto escolar, fato que nega a identidade dos alunos e os coloca em um estado de silenciamento. Em contrapartida à época pós-independência, usando dessa língua como ferramenta para a transmissão de conteúdo para toda a nação guineense, ainda que a sua utilização fosse proibida, Schwarz decidiu quebrar as barreiras para, então, fazer suas poesias, por meio de suas canções, chegarem até aos lugares mais recônditos de todo o país.

Em suma, percebeu-se que a língua guineense, mesmo sendo a língua mais falada em Guiné-Bissau, continua ocupando um espaço de desprestígio em relação ao português, ou seja, nesse território, o português é a única língua oficial e a de ensino no país, deixando de lado a língua mais conhecida em todo o território nacional. Ainda assim, o guineense, mesmo não sendo reconhecido e tendo seu *status* não simétrico em relação ao português, permanece desempenhando a função preponderante naquela sociedade, tornando a diversidade uma unidade linguística (Intipe, 2021). Na seção a seguir, refletiremos acerca do papel da língua guineense nas escritas de José Carlos Schwarz.

4. Papel da língua guineense nas escritas de José Carlos Schwarz

Tratando-se de um país multilíngue, onde a sociedade é constituída por diversos grupos étnicos e cada um tem sua própria língua e cultura, e tendo o guineense como a língua de unidade e da diversidade cultural, de certo modo, fez-se com que essa língua não pertença a nenhum grupo étnico do país. Isso porque cada um dos grupos possui sua língua particular, diferentemente da guineense, que serve de utilidade de todos os grupos étnicos. Desse modo, como o guineense tem a responsabilidade de unir as distintas comunidades do país, ele passou a exercer a função da unidade nacional na Guiné-Bissau. Nesse sentido,

A língua é um instrumento de poder na nossa relação com o outro; por meio dela podemos ser mentalmente colonizados e manipulados, mas podemos também, junto com o outro, tentar construir um mundo melhor, mais fraternal e solidário (Leffa, 2016, p. 41).

Trouxemos, até aqui, a ideia mais holística da língua e, acreditamos, justamente que, com a língua, pode-se construir um ambiente prazível ou não, pois o seu significado transcende a comunicação, como visto, com ela, consegue-se estabelecer uma relação harmoniosa e revolucionária, com vista a proporcionar um bem coletivo e simétrico à determinada comunidade ou território (Intipe, 2021).

Portanto, acredita-se que o papel da língua guineense nas escritas de José Carlos é essencial, visto que, além de possibilitar o entendimento entre a diversidade étnica existente no país, ela também é um modo de reconhecimento, autoafirmação e, sobretudo, de representatividade cultural. Naquela época, as obras eram escritas, comumente, em português, e, havendo a necessidade de fazer passar as informações e produções literárias para considerável parte da população, a escrita tinha que se dar em uma língua que atendesse grande parte de população local, isto é, em guineense. Por esse motivo, Schwarz compunha a maioria de suas escritas em guineense visando possibilitar a compreensão do povo da Guiné-Bissau. E, na altura, muitas pessoas não foram escolarizadas ao ponto de ler em guineense, resolveu-se, então, musicalizar aquelas escritas em guineense com o objetivo de atingir a massa populacional e fazê-la perceber do que se tratam as suas escritas (Intipe, 2020).

Assim, percebeu-se que a língua guineense assumiu um papel preponderante nas produções literárias de Schwarz, não só no sentido de identidade, mas também em ensejar uma convergência nacional no que concerne a criar uma consciência coletiva em benefício do próprio país que havia saído de um contexto conturbado em busca de progressão político-social. Trataremos, na seção a seguir, sobre os períodos de produção de José Carlos Schwarz, os quais são marcantes não só em dividir as épocas de criação literária, como também em nos possibilitar compreender o contexto local e as ocorrências que aconteciam na Guiné-Bissau.

5. A divisão periódica de produções de José Carlos Schwarz

José Carlos Schwarz, enquanto músico e compositor, apresenta suas escritas enlaçadas ao compromisso e ao desenvolvimento do país. Além de simbolizar a ideia de unidade nacional e a compreensão social da Guiné-Bissau, elas representam uma ideologia filantrópica à nação guineense, motivo pelo qual Dutra (2012) salienta que suas produções, essencialmente entre as décadas de 1970 e 1977, representam fielmente as temáticas correlacionadas ao amor, à mulher, à criança, à vida campestre, à política e à sociedade. A respeito desses cinco pressupostos, observe-se a figura abaixo.

Figura 1 – Temáticas de suas escritas



Fonte: autor.

Vale destacar que o amor do qual Schwarz se refere não se limita apenas ao amor romântico, longe disso, trata-se especialmente de empatia, de colocar-se no lugar do outro, de entregar a vida em prol da progressão do país, expressar o sentimento (seja ele melancólico ou não) mesmo que custe o sacrifício, mas que vise, sobretudo, lutar a fim de proporcionar um futuro risonho ao país. Futuro esse que se distancia da corrupção vivenciada na época, o que possibilita a oportunidade às mulheres** desdenhadas, com vista a ter uma sociedade mais justa e unida.

De igual modo, o amor à criança, de certa forma, pressupõe acreditar em uma geração futura, a qual viu o país engatinhando e não pode dar a sua contribuição. Criança, por outro lado, deixa-se ser traduzida por uma geração madura que assume a responsabilidade que não tinha, mas que se vê engajada face aos desafios enfrentados, visando alavancar a construção da sociedade harmoniosa que tira o país do retrocesso e do limbo da pobreza (Intipe, 2021).

Ademais, amor à vida campestre se trata de incentivar os agricultores e, principalmente, o governo a voltar seu olhar e interesse em apoiar e valorizar o trabalho do campo, já que o país era sustentado, na época, por meio de atividades do campo, isto é, do labor. Em vista disso, era necessário esse incentivo, dado que o povo depende muito dessa prática para se alimentar (Intipe, 2021).

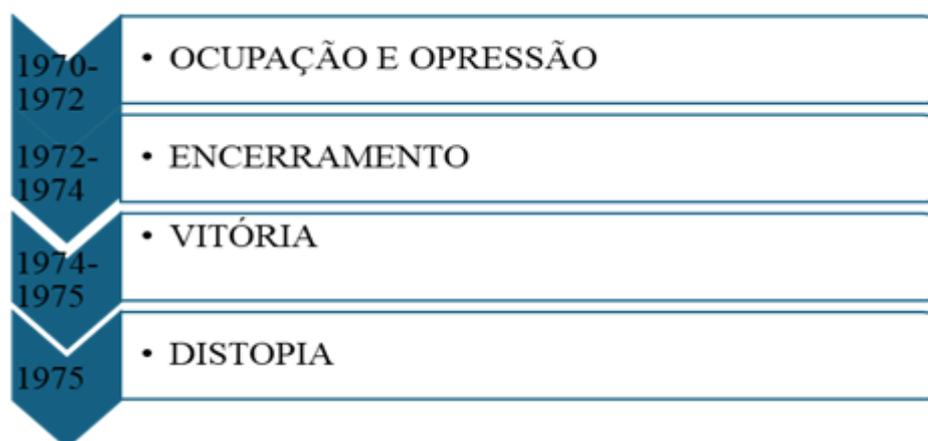
Por fim, amor à política e sociedade, ambas indissociáveis, porém, aquela só existe por causa desta. O amor sobre o qual Schwarz endossa, configura-se em ver o país distante da corrupção, motivo pelo qual, em algumas produções, ele faz muita crítica à distopia praticada pelos políticos. A distopia, nesse caso, trata-se da quebra do elucubrado, dos ideais pelos quais lutaram para tornar a Guiné-Bissau independente e que os próprios governantes nativos querem corromper por interesses pessoais e não do

** A figura mulher carrega um símbolo muito denso, às vezes, Schwarz traz essa simbolização para tratar de esperança, persistência, união e, em especial, trazê-la em representação do próprio país, Guiné-Bissau.

Bernardo Alexandre Intipe, José Carlos Schwarz: a sua escrita literária após a independência da povo. Amor à sociedade diz respeito a estabelecer uma ordem social, justiça, oportunidade a toda população sem que haja juízo de valor, visto que todos os filhos da Guiné-Bissau são iguais e não querem ser tratados com indiferença (Intipe, 2021).

Entretanto, por mais que Schwarz mostre seu interesse em diversas vertentes temáticas, ele pensou e planejou suas produções em épocas diferentes levando em consideração as ocorrências que o motivavam para tal fazer. Portanto, conforme Dutra (2012), as produções de José Carlos se dividiram em quatro períodos, a saber:

Figura 2 – Divisão periódica das escritas de Schwarz.



Fonte: autor

Em consonância ao quadro ilustrativo, no primeiro período, entre 1970-1972, as suas produções se relacionaram, especialmente, às questões revolucionárias, isto é, as que visavam incentivar críticas contra a ocupação e a opressão colonial. No segundo período, suas obras buscavam atenuar a questão anterior, uma vez que aquelas ocorrências deixaram de existir, ou seja, desapareceram. No terceiro período, suas composições dizem respeito ao novo contexto (Guiné-Bissau independente), trata-se de abalizar o mundo novo, diferentemente do anterior, isto é, um mundo independente com uma visão diferencial. Por último, o quarto período visa criticar os governantes por se desviarem dos propósitos pelos quais lutaram durante onze anos em prol de expulsar o regime opressor colonial português no país. Essa crítica é direcionada aos políticos que não pretendem defender o interesse comum e que se deixam alienar pelas ideologias que não emancipam o país, mas, sim, colocam-no em estado de retrocesso. Na seção a seguir, discutiremos e interpretaremos alguns trechos de escritas de José Carlos Schwarz na época pós-independência na Guiné-Bissau.

6. As escritas de José Carlos Schwarz na (re)construção identitária guineense

Na perspectiva de Bosi (2000, p. 23), a poesia: “[...] exhibe todas as estruturas diferenciais da série fonológica, da morfologia, de sintaxe (atribuição, predicação...). Falar significa colher e escolher perfis da experiência, recortá-los, transpô-los, e arrumá-los em uma sequência fono-semântica”.

Com base na perspectiva de atribuição de sentido, as escritas/poesias de Schwarz, após a independência, marcaram(am) significativamente aquela geração, não só no sentido de elucubrar o presente, mas também na tentativa de resgatar o passado melancólico que havia acontecido durante o período colonial na Guiné-Bissau. Além disso, suas escritas são vistas nas mais variadas temáticas que versam acerca do momento em que o país se encontrava, sendo que elas tratavam de não sucumbir aos atos que iam em contramão à democracia e prezavam pela igualdade, justiça, liberdade e progressão político-social.

Em seu álbum intitulado, **Djiu di galinha**, escrito em 1973, José Carlos compôs o poema **Bu djubin**, coincidentemente musicalizado por ele e que traz consigo uma marca histórica do passado acabrunhado e indesejado. A obra **Bu djubin** Quando Olhaste para mim, como traduziu Augel (1997), trata exatamente daquele enredo orquestrado por Schwarz, que influenciou seus colegas para atacar algumas partes de cidade, Bissau, ainda na época colonial, o que, conseqüentemente, resultou-se em sua prisão, em Djiu de Galinha. Essa obra refere-se, indubitavelmente, ao resgate memorável do silenciamento causado pela administração colonial face à detenção dos três elementos do agrupamento Cobiana Djazz. A sua escrita/poema é, também, dotada de linguagens figurativas, ou seja, ela transcende a literalidade escrita e provoca, sobretudo, que os seus leitores pensem e conheçam o contexto histórico para melhor ter o entendimento a respeito das ocorrências transmitidas por meio de sua escrita. Nessa obra, **Bu djubin**, Schwarz começou com a descrição fisionômica do indivíduo com quem ele se encontrava no momento e, simultaneamente, comparou os olhares dessa pessoa com o poço, bem como se pode constatar:

“Bu djubin”

Bu djubin...
N odja bu udjus
suma dus fonti
fonti di dur
Na sai iagu
n odja bu pena
pena di alma

sufrimentu di kurpu

N odja mon di pekadur
riba di bu karna
i na masa no diritu

N fala na ña sintidu
sufri, sufri, sufri/
djitu ka tem
i es ki luta di no tera (Augel, 1997, p.67).

A ideia apresentada nessa escrita, de certo modo, traz uma denúncia contra a ação truculenta ocorrida naquele momento, ato esse que envolve não só o sentimento de dor, mas tenta demonstrar a resistência diante da angústia à procura de uma esperança que esses jovens acreditam ser promissora lutar. Além disso, Schwarz pressupõe que vale a pena sofrer por uma utopia que, doravante, ocasiona um futuro auspicioso ao território guineense, mesmo que, “N odja mon di pekadur^{††}/ riba di bu karna” (Augel, 1997, p. 67), privando-os de manifestarem seus direitos como cidadãos nativos do próprio país. Todavia, ainda assim, era necessário mobilizar a ação que conduzisse o país a conquistar a liberdade e a independência. O poeta Schwarz atribui significados com uma capacidade peculiar, isso vai ao encontro do que Bosi (2000, p. 140) afirma, dizendo que “o poeta é o doador do sentido”, pois ele (poeta) detém de toda a liberdade e autoridade de o fazer.

Por isso, José Carlos reforça a expressão melancólica por ter comparado as lágrimas que brotam aos olhos de seu companheiro com o poço que trasborda de água “Bu djubin, n odja bu udjus, suma dus fonti, fonti di dur, Na sai iagu,” (Augel, 1997, p. 67). A linguagem utilizada aqui não se deixa ser traduzida pela simples estrutura da palavra e nem pelo sentimento tristonho que acontecia no momento, mas, sim, pela crença nos valores aos quais esse conjunto de jovens julgam ser necessários entregar a sua juventude para ter uma Guiné-Bissau livre das mãos dos opressores. Isto significa lutar por um país que amanhã seus filhos terão um horizonte que não se encontre ao limbo das rédeas coloniais e que incite o povo guineense a abandonar a sua cultura e adotar a deles, cultura essa que aparta da realidade social e cultural do povo nativo. Por isso que o **eu lírico** aconselhou o colega dizendo-o “sufri, sufri, sufi/djitu ka tem/ i es ki luta di no tera” (Augel, 1997, p. 67), por ter acreditado no que é certo, lutar pela Guiné-Bissau. Afinal de contas, “A poesia vista como uma técnica autônoma da linguagem, posta à parte das outras técnicas, e bastando-se a si mesma [...]” (Bosi, 2000, p. 147).

^{††} A tradução dos excertos aqui elencadas são feitas por Augel (1997). As letras em guineense também são tiradas em sua obra.

Podemos, a partir disso, inferir que, a obra **Bu djubin**, de Schwarz, não se trata apenas de apresentar as ocorrências de maneira literal, mas, também, de transcendê-las, em busca de concretizar o elucubrado, de realizar a aspiração planejada e, sobretudo, de lutar pelo interesse coletivo, isto é, libertar a Guiné-Bissau do jugo e da opressão colonial portuguesa. Ademais, trata-se de tornar o país um molde, visando perpetuar e construir a Unidade Nacional em todo o seu território.

A escrita/poema de Schwarz publicada em 1974, **Fidjus di Guiné** (Filhos de Guiné), como traduziu Augel (1997), dedica-se, literalmente, em assinalar sobre os dez filhos de uma mãe, conforme o eu lírico trouxe nesse poema. Nessa obra, percebemos que a produção de Schwarz ultrapassa a literalidade gráfica e nos possibilita, sobretudo, inferir sobre as diversas possibilidades de explicá-la. Portanto,

“Fidjus di Guiné”

Na no mamendadi
anos i des ki no mam padi
sinku na kada bariga
kada kin ku si maña
kada kin ku si manera
ma anos tudu i djemia

Fidjus di Guiné
des boka na un mama
nin ki mundu kinti
tudu tarda ki na tarda
na no lado na firia (Augel, 1997, p. 77).

Schwarz traz à tona essa letra dúbia, pois nos permite entendê-la de maneira simples, mas, ao mesmo tempo, complexa. É importante salientar que a escrita desse poema ocorreu depois da independência na Guiné-Bissau, no momento de afirmação da identidade nacional, ou seja, da coesão social para o desenvolvimento do então país que saiu do limbo da opressão colonial portuguesa. Compreender as poesias de José Carlos requer conhecer, principalmente, a história e o contexto da época em que ele vivia. Aliás, na concepção de Bosi (2000, p. 120) “O tempo histórico é sempre plural: são várias as temporalidades em que vive a consciência do poeta e que, por certo, atuam eficazmente na rede de conotações do seu discurso”, circunstância essa que faz o autor assumir a construção de sua autonomia escrita, como fez Schwarz em suas poesias.

Portanto, o eu lírico fez uma comparação de dois polos, ou seja, da população que vive no centro (na capital) e da população do interior do país. Por esse motivo, a obra

“Fidjus di Guiné” pode ser classificada em duas épocas diferentes: antes e pós-independência. Schwarz afirma que “Na no mamendadi/anos i des ki no mame padi” (Augel, 1997, p. 77), o que, de certa forma, pressupõe que o autor colocou a mãe, primeiramente, como o centro dessa obra, mostrando a quantidade de irmãos e, especialmente, “kada kin ku si maña/kada kin ku si manera” (Augel, 1997, p. 77). A mãe, nesse contexto, representa a Guiné-Bissau. E, mesmo havendo as diferenças nas mais variadas formas de convivência, retrata não só o modo de pensar e de agir, mas também o de entender o país recém-independente que caminha em busca de uma (re)construção identitária aprazível. Ainda assim, na perspectiva de Schwarz, era necessário que os filhos compreendessem essas diferenças, especialmente que são filhos da mesma mãe.

Também, na segunda observação, a obra pode ser traduzida pelo simples fato de haver desunião ou dissemelhança entre as comunidades, ou seja, entre a capital e as zonas interioranas. Isso leva, de certa forma, o eu lírico a aconselhar o povo (comunidade rural e urbana), que, por mais que haja uma ocorrência no seio territorial entre ambas as partes, sempre haverá solução, afinal de contas, todos são filhos gêmeos da mesma mãe. Gêmeos, nesse caso, pressupõe aquela distinção de dois polos, área urbana e área rural. No entanto, infere-se que essa escrita de Schwarz pressupõe não só a ideia figurativa que visa propor o laço fraternal entre o povo guineense, mas, também, conjectura a harmonia e, em especial, simboliza a ideia da Unidade Nacional entre a dissemelhança social existente entre aqueles dois polos. Isso porque o próprio **eu lírico** mostrou que, independentemente de particularidade de cada um, todos são filhos da mesma mãe. Portanto, a sagacidade aplicada nessa escrita é invejável, pois ela nos permite compreender a noção de unidade nacional, a qual precisa ser construída e costurada nos momentos mais pungentes em busca do estabelecimento de uma coesão social ao povo da Guiné-Bissau.

Em contrapartida, o outro poema de Schwarz intitulado **Apili** (1974), e por ele musicalizado, narra sobre o contexto que se vivia durante e após a independência na Guiné-Bissau, que consistia em buscar a convivência deleitante e coletiva do povo guineense por meio de uma ilustração figurativa que Schwarz expõe, singularmente, sobre um casal que vivia no interior do país, antes da independência. Os dois, posteriormente, com a evasão dos colonizadores, resolveram adentrar na capital para procurar um modo de vida diferente do anterior, como observado em

“Apili”

Apili, Apili, Apili

Son perto di si omi
Matchu, matchu garandi
Kombatenti di povo

Ma tugas ruma se kargu
Pa e riba se tera
Kombatentis entra prasa

Omi di Apili bai
Omi di Apili bai/l
I bai buska mindjer nobu
Ki sibi entra ki sibi sai

Apili fika el son
Ku si lembransa di kansera
Di fomi di foronta

Ma Apili ka bu larga bu kurpu
Bardadi di Partidu ka ta pirdi
Si ka na boka de mal tomadus! (Augel, 1997, p.93).

A retirada dos colonizadores portugueses da capital, Bissau, para seu país, fez com que os antigos combatentes adentraram na capital, e, conseqüentemente, “Omi di Apili bai/ i bai buska mindjer nobu/ ki sibi entra ki sibi sai/ Apili fika el son/ ku si lembransa di kansera/ di fomi di foronta” (Augel, 1997, p.93). Esse enredo discorre acerca de uma questão literal e tristonha que aconteceu na época, pois o marido deixa sua esposa na capital e procurar outra, esquecendo, assim, do passado construído com seu cônjuge. Essa metáfora remete ao passado que, após conquistado, foi abandonado.

A escrita de Schwarz carrega significado relacionado ao país e a um dado momento em que houve um incidente, isto é, o marido abandona sua esposa. No entanto, sua escrita sobrepõe a questão literal da palavra, uma vez que o abandono do marido trata de uma ruptura da utopia plasmada pelos antigos combatentes, desvio do elucubrado, assimilação do modelo de convívio que os colonizadores deixaram. Desse modo, após a independência, as ideias configuradas a fim de serem executadas foram desdenhadas e o interesse pessoal foi colocado em primeiro lugar. Portanto, diz o *eu lírico* que “Omi di Apili bai/Omi di Apili bai/l bai buska mindjer nobu/Ki sibi entra ki sibi sai” (Augel, 1997, p.93). A mulher à qual se refere tem a ver com os costumes europeus, com a busca de novos horizontes que não coadunam com o que aprenderam no interior, ou seja, a vida metropolitana portuguesa. Uma vez que os colonizadores determinaram que uma cultura é mais relevante em relação a outra, o esposo acreditou em algo novo que o distanciou da realidade, a qual havia sido idealizada pelo casal por muito tempo.

Nesse sentido, para o cumprimento do ensejo, era necessário que o marido deixasse Apili para provar uma outra aventura que o possibilitasse viver uma “nova qualidade de vida”. Mesmo que essa vida atual custe o sofrimento da esposa, talvez da comunidade, o marido, ainda assim prefere ser feliz a qualquer custo, fazendo com que “Apili fika el son/Ku si lembransa di kansera,/ Di fomi di foronta/Ma Apili ka bu larga bu kurpu/Bardadi di *Partido*^{##} ka ta pirdi/Si ka na boka de mal tomadus” (Augel, 1997, p.93).

Apili, no entanto, além de representar a resistência, é o símbolo da esperança e, principalmente, dos ideais, das pessoas que lutaram por um amanhã, cuja autonomia se centra nas mãos dos próprios filhos que voltarão olhares para o próprio país. Esperança essa que exige a coragem de enfrentar a fome, que tende a lutar para combater a corrupção, que se empenha em distanciar o país do limbo da indigência com base em unidade nacional. Dado isso, Apili consiste em representar todos os guineenses que têm consciência de luta coletiva, os que prezam por abraçar a luta pela progressão de igualdade, democracia e justiça.

7. Considerações finais

Em suma, percebeu-se que a literatura guineense não é tão recente quanto se pensa, visto que as publicações direcionadas a esse campo tiveram início em meados do século XIX, antes da independência da Guiné-Bissau. Apesar disso, pouco se vê a respeito das produções literárias voltadas ao contexto guineense embora elas existam. Percebe-se, também, que o guineense é uma língua de unidade e de identidade nacional, uma vez que ela congrega a diversidade cultural e a torna coesa. Ainda assim, o guineense é a língua pela qual as manifestações culturais ocorrem no território nacional, dado que, de modo geral, as produções literárias a refletem, do mesmo modo que as músicas populares e os folhetos de sensibilização são elaborados por meio dela. Existem, igualmente, as bíblias escritas em guineense, cuja função é proporcionar o entendimento aos fiéis, pois o guineense é uma ponte que estabelece harmonia a toda população do país, independentemente do grupo étnico ao qual elas pertençam.

Sabe-se que o guineense exerce papel muito fundamental no contexto guineense, porém, há, ainda, uma forte relação de subalternidade entre ele e a língua portuguesa. Isso significa que o guineense é tratado como a língua menos prestigiada em relação ao português, dado que o português ocupa um *status* singular, sendo a única e exclusiva

^{##} Trata-se do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde – PAIGC. Foi o primeiro partido fundado no país, em setembro de 1956. Esse partido é o que alavancou a luta pela Independência de ambos os países.

língua de ensino na Guiné-Bissau. No entanto, mesmo com o uso do guineense sendo proibido no seio escolar, os líderes políticos usufruem dele para se beneficiar do interesse político a fim de conseguirem votos ou de apresentarem os projetos na campanha eleitoral. Cabe ressaltar que a língua portuguesa, no contexto guineense, é uma das poucas conhecidas e faladas em todo o país, ainda assim, sua imperatividade é impetuosa no contexto escolar, assim como em circunstâncias oficiais e na administração política e econômica da Guiné-Bissau.

Pode-se afirmar que o papel do guineense nas escritas de Schwarz é essencial porque dedica-se em fazer com que essa língua e a informação chegue até aos lugares mais longínquos de todo o território nacional. Além disso, esse artigo nos mostrou que a escrita em guineense é uma forma de fortalecer o laço de unidade entre a diversidade linguística existente. Percebeu-se, por fim, que as escritas de José Carlos Schwarz, além de colaborarem para a (re)construção do imaginário literário guineense, elas contribuíram significativamente para maximizar a cosmovisão sócio-política do povo guineense. Ademais, suas escritas, de certo modo, demonstram o amor à sociedade, à política, com vista a (trans)formar o país e levá-lo ao desenvolvimento e, sobretudo, à (re)construção identitária da Guiné-Bissau a fim de estabelecer a harmonia aos filhos da Guiné-Bissau; visando lutar para alavancar o cumprimento das utopias plasmadas que pretendem possibilitar a progressão social e promoção da cultura guineense.

Referências

- AUGEL, Moema Parente. **No ka pudi tapa sol ku mon** – O crioulo guineense como língua literária? São Paulo: PAPIA, v. 10, p. 5-22, 2000.
- AUGEL, Moema Parente. **A nova literatura da Guiné-Bissau**. Bissau: (s.n.), Coleção KEBUR, n. 8, 1998.
- AUGEL, Moema Parente. **Ora di kanta tchiga: José Carlos Schwarz e o Cobia Djazz**. Bissau: (s.n.), Coleção KEBUR, n. 6, 1997.
- BENZINHO, Joana.; ROSA, Maria. **Guia turístico: À descoberta da Guiné-Bissau**. União Europeia. Coimbra: Ediliber, 2015.
- BOSI, Alfredo. O ser e o tempo da poesia. **Companhia das Letras**, São Paulo, v. 6, 2000. Disponível em: < [O Ser e o tempo da poesia \(usp.br\)](http://www.usp.br)>. Acesso dia: 23 junho 2023.
- COUTO, Hildo Honório. **A Poesia crioula Bissau-Guineense**. São Paulo: PAPIA, p. 83-100, 2008.

Bernardo Alexandre Intipe, José Carlos Schwarz: a sua escrita literária após a independência da DUTRA, Robson Lacerda. Conto, poesia e revolução na arte de José Carlos Schwarz. Rio de Janeiro: **Revista Diadorim**. v. 11, p. 234-246, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3966>. Acesso em: 27 junho 2023.

EMBALÓ, Filomena. **O crioulo da Guiné-Bissau: Língua nacional e fator de identidade nacional**. São Paulo: Papia, p. 101-107, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, p.7-22, 2006.

LEFFA, Vilson João. **Língua estrangeira**. Ensino e aprendizagem. Pelotas: EDUCAT, 2016.

NAMONE, Dabana; TIMBANE, António Alexandre. **Consequências do ensino da língua portuguesa no ensino fundamental na Guiné-Bissau 43 anos após a independência**. **Mandinga Revista de Estudos Linguísticos**, Redenção (CE), v. 01, n. 01, p. 39-57, 2017. Disponível em: < <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/mandinga/article/view/34>>.

Acesso em: 18 junho 2023.

SCANTAMBURLO, Luigi. **Dicionário do Guineense: Introdução e Notas Gramaticais**: Lisboa: Edições Colibri / FASPEBI, 1999.



Recebido em: 12/05/2024

Aceito em: 29/08/2024

Para citar este texto (ABNT): INTIPE, Bernardo Alexandre. José Carlos Schwarz: a sua escrita literária após a independência da Guiné-Bissau. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.4, nº Especial II, p.179-196, out. 2024.

Para citar este texto (APA): Intipe, Bernardo Alexandre. (out. 2024). José Carlos Schwarz: a sua escrita literária após a independência da Guiné-Bissau. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial II): 179-196.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>